

Artigo de pesquisa

Mortalidade de jovens por causas externas em São Carlos, SP, de 2000 a 2010: consequência da interiorização da violência?*

Youth mortality by external causes in São Carlos, SP, from 2000 to 2010: consequence of violence in country towns?

Thaís Juliana Medeiros^I; Ana Paula Serrata Malfitano^{II}

^IMestre em Terapia Ocupacional pela UFSCar. Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar. Endereço eletrônico: thaisjuliana@yahoo.com.br

^{II}Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar.

RESUMO

Objetivo: Conhecer os dados de mortalidade juvenil em um município de porte médio do interior paulista (São Carlos), para a descrição da realidade local e análise comparativa com os dados nacionais. Metodologia: Levantou-se os dados referentes à mortalidade dos jovens de 15 a 29 anos por causas externas, entendidas como acidentes de trânsito, suicídio, homicídio e embate com a polícia, entre os anos de 2000 e 2010, no Centro de Informações em Saúde (CIS), de São Carlos, SP. Resultados: Observou-se a redução do número de óbitos por homicídios e um aumento significativo nos índices de mortalidade por acidentes de trânsito e suicídios entre a população estudada. Conclusões: Com os dados estudados, não se pode afirmar que esteja ocorrendo o fenômeno de interiorização da violência, sendo necessários novos estudos que contribuam com a compreensão dessa hipótese.

PALAVRAS-CHAVE: Causas externas. Lesões. Violências. Juventude.

*Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Parte das reflexões aqui apresentadas são frutos da dissertação intitulada "Mortalidade juvenil em São Carlos-SP, 2000 a 2010: uma década de mudança?", sob orientação da segunda autora, defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos.

ABSTRACT

Goals: Identify youth mortality data in a medium size town in São Paulo State (São Carlos) in order to describe the local reality and make a comparative analysis with national data. Methods: Data related to youth mortality rates from 15 to 29 years old by external causes were collected, such as traffic accidents, suicides, homicides and clashes with the police, between 2000 to 2010 at the Centro de Informações em Saúde in São Carlos, SP. Results: A decrease of homicides number and a significant increase of mortality indices by traffic accidents and suicides were noticed. Conclusions: With the studied data it is not possible to say that an increase of violence in country towns is happening and new studies contributing to the comprehension of this hypothesis should be necessary.

KEYWORDS: External causes. Lesions. Violence. Youth.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, no Brasil, tem se observado uma mudança do perfil de mortalidade da população juvenil brasileira, passando da predominância de mortes por antigas epidemias e doenças parasitárias para uma prevalência em que predomina a mortalidade de jovens por causas externas, sendo elas: suicídio, homicídio, acidentes de trânsito e embate com a polícia.¹ Desse modo, no caso da violência homicida, por exemplo, a taxa de homicídios entre os jovens passou de 30 (em 100.000 jovens) em 1980 para 50,1 no ano de 2007.²

Tanto a mortalidade quanto a morbidade causam diversas consequências aos indivíduos,

afetando-o nos mais variados âmbitos - orgânicos, psicológicos, sociais, econômicos e culturais. Além disso, causam impacto nos gastos do governo com a área de saúde pública, porque, apesar do indivíduo comumente ficar menos dias internado comparado às causas naturais, os custos do tratamento das pessoas lesionadas por causas externas são maiores.³

Diante desse quadro, para evitar agravos à saúde dos indivíduos, é importante que sejam feitos estudos sobre a distribuição, a frequência e os possíveis determinantes das causas externas. De posse dessas informações, há a possibilidade de melhor desenhar as políticas públicas a

serem implementadas e ainda subsidiar o planejamento das atividades de saúde, seja qual for o seu nível de complexidade.³

Nesse sentido, objetivando apontar as “tendências” dos índices de mortalidade para a compreensão das situações sociais, políticas e econômicas que atravessam a juventude brasileira, buscou-se, nesse estudo, a descrição e a análise das mortes violentas entre os jovens em um município paulista de porte médio, São Carlos, representativo de um número significativo de cidades brasileiras. Investigou-se os óbitos de jovens de 15 a 29 anos originados por homicídio, suicídio, acidente de transporte e trânsito e embate com a polícia, no período de 2000 a 2010. Apesar de inseridas nas causas externas o afogamento, a queda, a queimadura, os maus-tratos, a negligência, o abandono, entre outros, optou-se pelas mortes decorrentes de agressões, acidentes de transporte e lesões autoprovocadas (suicídios) por serem as mais frequentes nessa faixa etária.⁴

A escolha de uma cidade do interior do Estado de São Paulo ocorreu devido ao apontamento do Mapa da Violência, de 2010 e 2011, sobre a queda dos índices de violência nas capitais e a hipótese de interiorização da violência do país, locais em que há menos pesquisas acerca do fenômeno. Segundo essa pesquisa, tem ocorrido uma migração da violência homicida das capitais e regiões metropolitanas para as cidades do interior dos estados do país. Até 1999 os pólos dinâmicos da violência estavam centralizados nas grandes capitais e metrópoles, porém, posteriormente a essa data, o avanço dela cessou e começou a crescer no interior dos estados.⁵ Tal processo foi denominado de Interiorização da Violência.

Assim, buscamos conhecer a realidade de uma cidade do interior, investigando a pertinência de tal hipótese em uma realidade local. Estudou-se o

município de São Carlos, que se encontra localizado na área central do estado de São Paulo, distante 230 km. da capital e composto, em 2010, por 221.950 habitantes.⁶

Nesse contexto, não foram encontrados estudos que enfocassem a ocorrência de tal fenômeno em cidades de pequeno e médio portes, sendo necessárias investigações epidemiológicas que se dediquem a realidades fora dos grandes centros urbanos, buscando levantar informações acerca da real dimensão da violência entre os jovens. A presente pesquisa, portanto, debruçou-se sobre esse quadro.

METODOLOGIA

A coleta de dados levantou informações referentes aos últimos onze anos (2000 a 2010) acerca dos óbitos entre os jovens, a partir dos registros do Centro de Informações em Saúde (CIS), presente na Vigilância Epidemiológica de São Carlos, SP. Para o levantamento dos dados, foi feita a solicitação formal de autorização dos órgãos competentes para acesso às informações sobre as causas da mortalidade de jovens. Após a obtenção da autorização, coletaram-se os dados presentes nas declarações de óbito, de 2000 a 2005, que estavam em meio físico. As informações dos cinco anos seguintes foram obtidas em meio digital. Dúvidas a respeito do preenchimento das declarações de óbito foram esclarecidas com a pessoa responsável pelo setor.

Após consultas prévias ao banco de dados da instituição, os seguintes dados foram coletados no CIS e colocados em uma planilha do software *Microsoft Excel*®, de acordo com as informações disponíveis no modelo da declaração de óbito: ano, mês, data e horário do óbito; município e estado de naturalidade; data de nascimento e idade de falecimento; sexo; raça; estado civil; escolaridade; ocupação; município e bairro de

residência; local, logradouro e bairro da ocorrência do óbito; causa básica da morte e demais informações (linhas A, B, C, D e 2) através dos CIDs; médico responsável pelo atestado de óbito e data; causa provável da morte; descrição sumária da morte e causa básica original do óbito.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão e exclusão de informações:

- foram excluídos óbitos por causa de morte interna, contemplando então somente dados de mortalidade por causas externas;
- dos dados sobre causas externas, foram abrangidos somente vítimas com idade entre 15 e 29 anos de idade;
- foram considerados dados de jovens vítimas de causas externas para as seguintes causas de morte: acidentes de trânsito e transporte, homicídios, suicídios e embate com a polícia pertencentes às seguintes faixas do Código Internacional de Doenças 10 (CID10): V01 – V99, X60 – X84, X85 – Y09, e Y35 – Y36;
- dados inconclusivos sobre a provável circunstância de causa de morte, marcados como indefinido, em branco ou ignorado nas declarações de óbito, foram verificados por meio dos CIDs (causa básica original) de modo a se identificar a causa real da fatalidade. Caso o CID não permitisse identificar a causa básica da morte, buscavam-se nos demais CIDs (linhas A, B, C, D e linha 2, conforme o preenchimento das declarações de óbitos, respectivamente, referentes aos anos de 2000 a 2005 e 2006 a 2010) informações que identificassem a causa de óbito; se ainda assim a causa fosse inconclusiva,

eram buscadas informações na descrição sumária do evento, campo da declaração de óbito que o médico legista pode adicionar outras informações consideradas relevantes. Permanecendo inconclusivo, o dado não era considerado na análise. Deste modo, foram excluídos 4 casos, que foram determinados como inconclusivos, permanecendo outros 360 casos utilizados para a análise.

Aspectos Éticos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar sob o parecer número 024/2011, o qual atende às exigências contidas na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Não há conflito de interesses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características das vítimas

Sexo

Segundo Wailselfisz^{2,5} desde os mapas da violência elaborados a partir de 1998 observa-se o alto número de mortes letais envolvendo jovens do sexo masculino, de 15 a 24 anos, principalmente relacionados aos homicídios, assim como poucas mudanças nas proporções ao longo dos anos. De acordo com o Mapa da Violência, para o ano de 2004 constatou-se que, da população absoluta, 92,1% das vítimas de homicídio, 85,1% das mortes por acidentes de transportes e 78,7% dos suicídios pertenciam ao sexo masculino. Em 2007, o panorama não se alterou muito, pois se verificou 93,9% de homicídios de jovens em relação ao total da população.² Já em 2008, os homens jovens representavam 92,0% das vítimas de homicídio, 81,6% das mortes por acidente de trânsito e 79,1% dos suicidas.⁵

Observando apenas os casos de homicídios entre jovens acima de 20 anos de idade, sem avaliar as outras mortalidades por causas externas, tem-se a perda de aproximadamente 40 mil homens por ano, conseqüentemente, causando um desequilíbrio demográfico na distribuição por sexos na população.⁵

Em 2007, para cada mulher vítima de homicídio no Brasil morreram mais de 12 homens. A taxa feminina, portanto, é pequena, quando comparada ao alto índice de mortalidade juvenil masculina por homicídio: são 3,9 homicídios em 100 mil mulheres, enquanto morrem 47,2 homens para 100 mil.²

Do mesmo modo que nos homicídios, há uma predominância do sexo masculino no número de óbitos por suicídio no país. No ano de 2008, foram 79,1% de suicídios nas Unidades Federadas, já nas capitais foram 74%. Entre os jovens as porcentagens são próximas, pois foram 77,8% nas Unidades e 83,7% nas capitais. Esses dados sobre suicídios permanecem constantes com o decorrer do tempo.⁵

Por fim, igualmente às outras causas externas citadas, existe uma elevada prevalência

da mortalidade entre os jovens do sexo masculino nos acidentes de transportes. Eles são 81,6% das vítimas, segundo dados nacionais coletados de 2008. Uma das causas mais prováveis seria a maior incidência de motoristas do sexo masculino.⁵

Em relação aos mapas da violência anteriores, houve um aumento da participação masculina no número de óbitos por acidentes de transporte, pois em 1998 foi de 79,5% da população total e 80,4% na população jovem, enquanto em 2008 a proporção entre os jovens estava em 83%.⁵

No município de São Carlos, o panorama é semelhante aos índices nacionais, ou seja, a mortalidade de homens jovens é significativamente maior em comparação ao sexo feminino. Nos dados coletados no CIS, observou-se que, dos 360 óbitos de jovens na cidade no período pesquisado, 313 se referiam ao sexo masculino, 45 ao feminino e dois casos não apresentavam o sexo da vítima. Ou seja, aproximadamente 87% (313) das mortes por causas externas eram de homens. Mais detalhes sobre a mortalidade masculina nas causas externas podem ser obtidos na Tabela 1:

Table 1. Victims characterization. Source: Centro de Informações em Saúde (CIS) – São Carlos, 2010.

	Acidentes de trânsito e transporte	Homicídios	Embate com a polícia	Suicídios
Para gênero				
% masculina	79,75	93,20	100	86,54
% feminina	20,25	4,76	0	13,46
Para faixa etária				
15 – 19 anos (%)	25,31	19,05	0	17,31
20 – 24 anos (%)	39,24	46,26	0	38,46
25 – 29 anos (%)	35,44	34,69	0	44,23
Por raça				
Branco (%)	72,15	58,50	66,66	69,23
Negros e pardos (%)	13,92	29,24	33,33	15,38
Por estado civil				
Solteiro	111	88	3	31
Casado	12	18	0	8
Divorciado	3	1	0	0
União consensual	1	8	0	0

Observa-se que em todas as causas externas há prevalência da mortalidade de homens, principalmente nos homicídios (93,20%), e que a participação feminina é proporcionalmente pequena (4,76%). Em números absolutos, foram 139 óbitos de homens e somente 7 de mulheres por homicídio. Nos acidentes e suicídios também morrem mais homens com, respectivamente, 79,75% (correspondendo a 45 mortes) e 86,54% (126 casos). Com relação ao “embate com a polícia”, levanta-se a hipótese de subnotificação deste quesito⁷ podendo ser uma das razões para não ter sido encontrado registros de vítimas mulheres.

Idade

De acordo com Wailselfisz “se a magnitude de homicídios correspondentes ao conjunto da população já pode ser considerada elevada, a relativa ao grupo jovem adquire caráter de epidemia”,⁵ tal argumento se fundamenta nos números: dos 18.321 homicídios registrados no ano de 2011, pelo DATASUS, 36,6% envolviam vítimas jovens.⁵

Assim, até os 12 anos é muito pequena a mortalidade, mas é a partir dos 13 anos que se verifica o aumento do número de óbitos por homicídio, que atinge o máximo aos 20 anos, com 2.304 mortes, em 2011. Após isso, decresce até os 70 anos.⁵

De maneira semelhante aos homicídios, nos acidentes de transportes, entre os anos de 1998 e 2008, prevaleceram as vítimas da faixa etária dos 18 aos 30 anos de idade, cuja maior expressão ocorreu aos 22 anos de idade, com 838 vítimas em 1998 e 1.204 em 2008, no país. Além disso, observam-se quedas de 30% na mortalidade de vítimas de 0 a 13 anos. Com 14 e 15 anos há diminuição do número de óbitos, porém não com a

mesma magnitude da faixa etária anterior. Aos 17 anos se inicia uma escala ascendente de mortes por acidentes entre os jovens.⁵

Em relação aos suicídios, até os 10 anos é praticamente nulo o índice de mortes por essa causa externa, conforme esperado, pela característica da temática. A partir dessa idade começa uma ascensão da mortalidade até chegar ao topo entre 20 e 27 anos. Após isso, inicia-se uma diminuição significativa ao longo do tempo. No entanto, em pessoas acima dos 80 anos, em 1998 houve um incremento desse tipo de violência, reduzindo nos anos de 2003 e 2008.⁵ Segundo Wailselfisz,⁵ São Carlos encontra-se em décimo segundo lugar dos municípios com mais suicídios entre os jovens no país.

De modo similar ao panorama nacional, nota-se que, na cidade em questão, o maior número de óbitos está entre as vítimas com idades entre os 20 e 25 anos, concentrando 152 óbitos dos 360 ocorridos. Assim, a faixa etária dos 20 aos 24 anos possui o maior número de jovens mortos por causas externas, 152 óbitos (43%). Após essa idade, tem-se dos 25 aos 29 anos, com 131 mortes (36%) e, por fim, dos 15 aos 19 anos com 77 óbitos (21%). Na tabela 1 se detalha mais a respeito das mortes segundo a faixa etária.

Analisando as faixas etárias conforme as mortes por suicídio, acidente, homicídio e embate com a polícia, tem-se que os homicídios são os principais responsáveis pelos óbitos do grupo etário mais vulnerável, jovens com idade entre 20 e 24 anos, com 46,26% ou 68 casos identificados, representando quase metade das mortes por homicídio de jovens, seguido por acidentes de trânsito (39,24% do total ou 62 casos) e suicídios (38,46% do total ou 20 casos).

Cor

Segundo Wailselfisz^{2,5} houve queda do número absoluto de homicídios na população branca e ampliação na população negra, que é considerada como a junção das categorias parda e preta. De tal modo, de 2002 a 2008, para a população total, houve uma diminuição de 22,3% nas vítimas brancas, já que o número decresceu de 18.852 para 14.650 no país. Por outro lado, existiu um incremento de 20,3% na mortalidade de negros, pois variou de 26.915 para 32.349. Em 2002, morreram 45,6% mais negros que brancos, já em 2005 morreram proporcionalmente 80,7%, e em 2008 foram 112% mais negros que brancos, ou seja, mais que o dobro de brancos. Portanto, para cada branco assassinado, morrem 2,2 negros do mesmo modo.⁵

Focando na população juvenil (15 a 25 anos), o número de homicídios entre os brancos diminuiu de 6.592 para 4.582 de 2002 a 2008, no quadro nacional, o que significa uma queda de 30,0% nesse período. Contudo, entre os jovens negros, os homicídios aumentaram de 11.308 para 12.749, ou seja, um incremento de 13%.⁵

Portanto, de 2002 a 2008, o percentual de jovens negros morrendo em decorrência dos homicídios aumentou significativamente: em 2002 faleceram proporcionalmente 58,8% mais negros do que brancos; em 2005, 96,4% e em 2008, 134,2%.⁵

Do mesmo modo que nos homicídios, na população total, constata-se que houve um aumento de 8,6% de suicídios entre brancos de 2002 a 2008, enquanto o de negros aumentou 51,3%. Entre os jovens, houve uma queda do número de suicídios entre brancos de 2,8%, porém cresceu 29,4% os de negros.⁵

Em São Carlos, verifica-se que a mortalidade de jovens brancos é significativamente

superior a de negros. Sendo assim, conforme a tabela 1, em 10 anos, morreram por suicídio 36 brancos (69,23%), 0 negros (0%) e 8 pardos (15,38%); por acidente 114 brancos (72,15%), 4 negros (2,53%) e 18 pardos (11,39%); por homicídios foram 86 brancos (58,50%), 17 negros (11,56%) e 26 pardos (17,68%) e, por fim, por embate com a polícia foram 2 brancos e 1 pardo. Tem-se ainda 13,33% dos dados sobre cor indefinidos ou não preenchidos (em branco) nos atestados de óbitos consultados. Entretanto, fazendo uma análise que considere a proporção de negros residentes em São Carlos, constata-se que, no caso dos homicídios, prevalecem os óbitos de negros. Verifica-se, pelo CENSO 2010,⁶ que São Carlos possui 221.950 de população absoluta, sendo 57.927 negros e pardos, e 161.948 brancos. Como não houve nenhum caso de óbito que a vítima fosse indígena ou amarela, para esta análise tomar-se-á somente a população residente branca e negra/parda. Assim, somando esses dois grupos de cor (branco e negro/pardo), observa-se que os brancos correspondem a 73,65% e negros/pardos a 26,35%.

De tal modo, pode-se afirmar que, com base na média da população residente geral de São Carlos, os jovens brancos são mais vitimizados nos suicídios e acidentes de trânsito, já que a média de óbito para essas causas de morte são, respectivamente, iguais a 81,8% e 83,8%, índices superiores a média de habitantes brancos na cidade, que é igual a 73,65%. Por outro lado, jovens negros e pardos são proporcionalmente mais vítimas de homicídio, pois representam 33,3% dos casos registrados, índice este superior a proporção negra/parda da cidade, que é de 26,35%. Vale destacar que essa informação, ainda, requer investigações específicas para sua melhor compreensão.

Estado Civil

Pela tabela 1, observa-se a prevalência de vítimas solteiras. Por suicídio morreram 31 solteiros e 8 casados; por acidente de trânsito, 111 solteiros, 12 casados e 1 por união consensual; e por homicídio, 88 solteiros, 18 casados e 8 em união consensual. Os três jovens que faleceram por embate com a polícia eram solteiros. Assim, totalizando as causas externas, foram 64,72 % de solteiros, 10,55% de casados e 2,5% em união consensual. O total de dados sobre estado civil não preenchido foi de 21,11% das mortes por causas externas.

Região de Residência

Analisando as regiões de maior incidência de morte juvenil por causas externas, encontramos dez bairros: Antenor Garcia, Cidade Aracy, Centro, Cruzeiro do Sul, Santa Felícia, Jockey Clube, Boa Vista, Vila Prado, Vila Isabel e Jardim Gonzaga. Trata-se de bairros que compõem regiões periféricas do município. Dentre eles, há uma concentração no

Antenor Garcia e na Cidade Aracy, respectivamente, os quais concentram 45 óbitos de 111 ocorridos por homicídios, suicídios e acidentes de trânsito e transporte, valor aproximado a 41% do total. Comparado à cidade de São Carlos, estes dois bairros foram residência de 12,5% das vítimas jovens entre 2000 e 2010 por causas externas. No nível local, são reconhecidos como espaços de maior vulnerabilidade social. Pode-se afirmar que a violência homicida é significativamente maior nos bairros periféricos, repetindo-se dados epidemiológicos e sociológicos conhecidos.

Tipos de acidentes e violências Acidentes de Trânsito e Transportes

No país, as taxas de óbitos entre os jovens por acidentes de trânsito e transporte crescem de modo significativo e mais elevadas que em relação à população total.⁵ Do mesmo modo, em São Carlos, na última década, também se constatou o incremento dessa causa externa, como aponta a Figura 1:

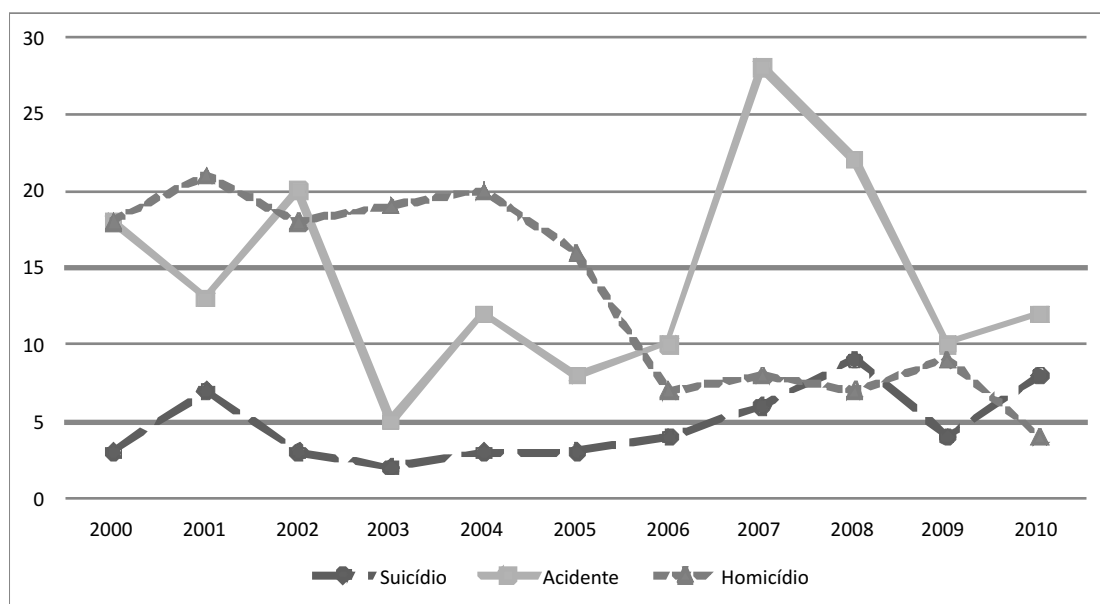


Figura 1. Distribuição dos casos de mortalidade juvenil por suicídio, acidente de transporte e homicídio em São Carlos entre 2000 - 2010. Fonte: Centro de Informações em Saúde (CIS) – São Carlos, 2010.

Entre os anos 2000 e 2010 morreram 158 jovens dessa maneira. Nota-se pelo gráfico 1 que, por quatro anos consecutivos, entre 2003 e 2006, São Carlos obteve índices de mortalidade por acidentes de trânsito inferiores a 12 óbitos/ano, porém, os dois anos seguintes, de 2007 e 2008, a cidade registrou 50 mortes, representando 31,65% da totalidade dos acidentes fatais da década analisada. Já nos anos de 2009 e 2010, verificou-se uma queda no número de óbito de jovens por acidentes, voltando a ficar com índices próximos ao quadriênio de 2003 a 2006. O pico de acidentes registrados nos anos de 2007 e 2008 necessitaria de maior investigação própria, com o intuito de esclarecer quais fatores que levaram ao aumento significativo do número de vítimas fatais naquele período.

Homicídios

Segundo Mapa da Violência 2010,² a partir do ano de 2003 decresceram no país os homicídios entre os jovens de 15 a 29 anos, sendo possível levantar a hipótese de algumas ações públicas influentes, dentre elas o Estatuto do Desarmamento, o qual tornou mais severas as penas por porte e posse de arma, e a Campanha do Desarmamento, com entrega das armas a partir de um ressarcimento financeiro. Nota-se, portanto, uma queda significativa da mortalidade de jovens de 15 a 29 anos. No ano de 1997, havia no país 87 homicídios para 100.000 jovens, enquanto que em 2007, passou para 78,6, representando uma queda de 10%.²

Por outro lado, existem outras teorias explicativas a respeito da diminuição da violência homicida. Uma delas centra-se na compreensão do mundo da ilegalidade e sua regulação na esfera social. Para alguns autores,⁸ a atuação nas periferias da organização ilegal gerada pela articulação

em presídios paulistas, denominada de Primeiro Comando da Capital (PCC), tem regulado agenciamentos com influência nos índices de mortalidade paulista. Segundo esses estudiosos, há uma deliberação para que se evitem os homicídios nas ações ilegais, com o intuito de despertar menor atenção pública às ações realizadas, afastando a atenção da mídia e angariando apoio local nas periferias em que estão instalados.⁸

Não se pretende aqui discutir as causas desse fenômeno, entretanto, reforça-se a necessidade de uma abordagem multifacetada para sua análise.

Porém, mesmo com a redução no número de homicídios no país, a mortalidade de jovens por esse motivo continua sendo significativamente maior que em outras faixas etárias. Assim, comparando 1980 e 2008, nota-se que a taxa de homicídio entre os jovens passou de 30 para 52,9, enquanto a não jovem manteve-se entre 18,1 e 21,2, ou seja, esteve praticamente estável durante esse período. Por conseguinte, conclui-se que “os avanços da violência homicida no Brasil das últimas décadas tiveram como motor exclusivo e excluyente a morte de jovens”.⁵

Em São Carlos, SP se constatou a diminuição da mortalidade de jovens por homicídios após 2004, conforme a linha que representa os homicídios no gráfico 1. Dessa maneira, é possível observar que entre 2000 e 2010 ocorreram 147 mortes por homicídio de jovens na cidade de São Carlos. Nota-se também que a partir do ano de 2005 o número de vítimas de homicídios apresentou queda, ficando abaixo de 10 óbitos/ano. Considerando o quinquênio 2001-2005, somam-se 94 óbitos, enquanto que nos anos de 2006-2010 o número de homicídios entre jovens foi de 35, ou seja, houve um decréscimo de 62,76%, sendo o ano de 2010 com menor ocorrência de óbito por esta causa externa: 4 mortes.

Embate com a polícia

Em São Carlos, entre os anos de 2001 a 2005, a partir de informações presentes nos registros de óbito em meio físico, não foram registradas mortes por essa causa externa. De 2006 a 2010, computaram-se apenas três mortes de jovens por embate com a polícia e, pela sua pequena representatividade numérica, tais informações não foram incluídas na figura 1. Contudo, ao contrário do que explicitam tais dados, existem relatos de moradores e reportagens da mídia acerca do tratamento abusivo da instituição policial em periferias locais.

Além disso, a violência policial pode estar sendo encoberta pelas denominadas mortes indeterminadas, ou seja, óbitos por causas externas não esclarecidos, os quais não permitem saber se o sujeito foi vítima de homicídio, suicídio ou acidente de trânsito.⁹ O número de óbitos classificado como sendo um evento cuja intenção não pode ser determinada corresponde aos códigos Y10 até Y34 do capítulo XX, que aborda a mortalidade por causas externas, do CID-10. É recomendado se utilizar tal categoria em última instância, em casos em que realmente não haja elementos para definir a causa da morte, porém ela tem sido constantemente utilizada nos dados da polícia. Contudo, se por um lado proclama-se que houve a diminuição das taxas de homicídios, por outro o número de mortes violentas com “intenção determinada” aumentou em três vezes nos últimos anos.⁹

Assim, tomando como base os 147 casos identificados como jovens vítimas de homicídio em São Carlos entre 2000 e 2010, verificaram-se 23 casos em que o CID da causa básica da morte não foi determinado, como por exemplo, pelo uso de CIDs iniciados pelas letras I (como o I46.9 – parada cardíaca não

especificada), R (R09.2 – parada respiratória), T (T14.1 – ferimento de região não especificada do corpo), Y (Y24.9 – disparo de arma de fogo com intenção não determinada), ou mesmo com o CID não preenchido, só sendo possível definir como homicídio conforme metodologia estabelecida para esta pesquisa. Portanto, levanta-se a hipótese de que outros casos de morte de jovens por embate com a polícia podem estar sendo subnotificados, isto é, inseridos entre as causas de homicídio mal determinadas. Requer, portanto, investigação específica nesse tema.

Suicídios

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre as taxas de suicídios entre 83 países listados, em 2008, o Brasil encontra-se na 73ª posição, em relação à população total e, na população jovem, a 60ª. São, portanto, taxas baixas quando comparadas a outros países. Contudo, comparada às outras mortes por causas externas (homicídios e acidentes de transporte), os suicídios foram os que mais cresceram de 1998 a 2008, 17% não só para a população total, mas também para a jovem.⁵

De 1998 a 2008, o número de suicídios no país passou de 6.985 para 9.328, sendo, portanto, um incremento de 33,5%, valor, que ultrapassa o crescimento da população (17,8%), dos homicídios (19,5%) e das mortes por acidentes de trânsito (26,5%). Já entre os jovens houve um aumento de 22,6%, isto é, de 1.454 em 1998 para 1.783 em 2008 no país. Assim, aumentou de 4,2 a 4,9 suicidas em 100 mil habitantes e de 4,4 para 5, 1 suicidas em 100 mil jovens analisados durante esses dez anos.⁵

Em São Carlos, os dados relevantes acerca do suicídio foram encontrados entre os jovens,

entre 2000 e 2010, conforme a linha que representa os óbitos por suicídio na figura 1, totalizando 52 óbitos. Observa-se ainda que, entre os onze anos analisados, 52 jovens foram vítimas de suicídio. É possível verificar também que a partir do ano de 2005 houve uma tendência de aumento dos casos de autoviolência, embora tenha diminuído nos anos de 2009 e 2010 em relação a 2008, ano este que obteve o maior índice de mortes (9 casos de suicídio). É possível fazer essa consideração a partir do raciocínio de que no quinquênio 2001-2005 foram registrados 18 casos de suicídio, enquanto entre os anos 2006-2010 tiveram 31 casos, ou seja, um aumento de 72%.

Circunstâncias das ocorrências

Formas de execução

Mesmo com a diminuição no número de homicídios, as mortes provocadas por armas de fogo superaram o uso de objetos cortantes. Assim, o uso de armas de fogo prevalece entre os homicídios, apesar da diminuição considerável desse tipo de morte após 2004, em São Carlos. Até 2005, o uso de arma de fogo esteve presente em 75,45% dos óbitos por homicídio, suicídio e embate com a polícia no período analisado, de 2000 a 2010. Além disso, ao longo da década, a utilização de armas de fogo ocorreu em 54,45% das mortes por suicídios, homicídios e embate com a polícia. Por fim, nos últimos onze anos, 16,34% das mortes foram por enforcamento e 15,84% por objetos cortantes.

Limitações dos dados

Em São Carlos, também se observou que vários campos dos registros oficiais de óbito apresentavam dados inconclusivos. Esses dados

inconclusivos se referem não somente às informações não preenchidas (em branco), mas também incluem rasuras, campos apagados e ilegibilidade dos dados escritos. O campo escolaridade foi o que mais possuiu campos incompletos, com 315 (87,5%) das 360 declarações de óbito não preenchidas, o que inviabilizou a consideração desse dado para análise. Muito próximos ficaram os campos dos horários e bairros de ocorrência, com, respectivamente, 162 (45%) e 177 (49,16%). Outros dados também comprometidos pela ausência de informações foram os referentes ao local de óbito (27,77% ou 100 casos), estado civil (20,55% ou 74 casos), bairro de residência (20,27% ou 73 casos) e CID (1,95% ou 7 casos).

Nesse sentido, comparando os dados coletados no CIS de São Carlos, SP aos presentes no DATASUS, com o panorama nacional, notou-se significativa diferença nos primeiros anos, de 2000 a 2005, cujas informações foram obtidas em meio físico. Após 2006, quando os dados estavam informatizados, observa-se uma uniformidade quando comparados às estatísticas nacionais. A Figura 2 explicita melhor essa constatação.

Conclui-se que a informatização dos dados, ocorrida a partir de 2006, possibilitou que os dados das duas bases pudessem se assemelhar, apesar de ainda ocorrer dissonância entre eles. Entretanto, observou-se ainda, mesmo após a implantação da informatização, que existem problemas no preenchimento dos atestados, nos quais muitos campos são deixados em branco ou ignorado, principalmente aqueles relacionados à ocupação e à escolaridade.

As informações obtidas sobre as mortes de jovens em São Carlos apontam, assim como os dados nacionais advindos de pesquisas em grandes metrópoles, que, por um lado, houve a

diminuição dos óbitos por homicídios ao longo da década e, por outro, um significativo incremento da mortalidade em acidentes de trânsito e suicídio. O sujeito mais acometido tem aproximadamente vinte anos, na maioria dos casos é do sexo masculino e solteiro. Quanto aos bairros de ocorrência e residência, no caso dos homicídios, é evidente a prevalência em regiões periféricas da cidade, em pessoas afrodescendentes e, predominantemente, homens.

No caso de embate com a polícia, foram obtidas apenas 3 mortes em 10 anos na cidade, sendo que há vários relatos de moradores de determinados bairros queixando-se da violência policial. Concomitantemente, obteve-se um número significativo de mortes cujas causas foram apontadas como indeterminadas. Por isso, não só em São Carlos, mas também no país, a questão da mortalidade por embate com a polícia

pode estar relacionada à subnotificação e necessita ser melhor investigada.

Os Mapas da Violência 2010 e 2011 apontam a interiorização da violência como um fenômeno de migração dos homicídios para o interior dos estados. Entretanto, no caso de São Carlos, isso não se verificou, já que ao longo da última década constatou-se que a violência homicida regrediu significativamente. Dessa forma, aponta-se a necessidade de aprofundamento de pesquisas acerca do comportamento do fenômeno da violência em cidades de pequeno e médio portes, com vistas a contribuir com a compreensão acerca das mudanças observadas no quadro de mortalidade juvenil. A efetivação de pesquisas em outros municípios, com características similares, contribuiria para a discussão acerca da ocorrência ou não da interiorização da violência.

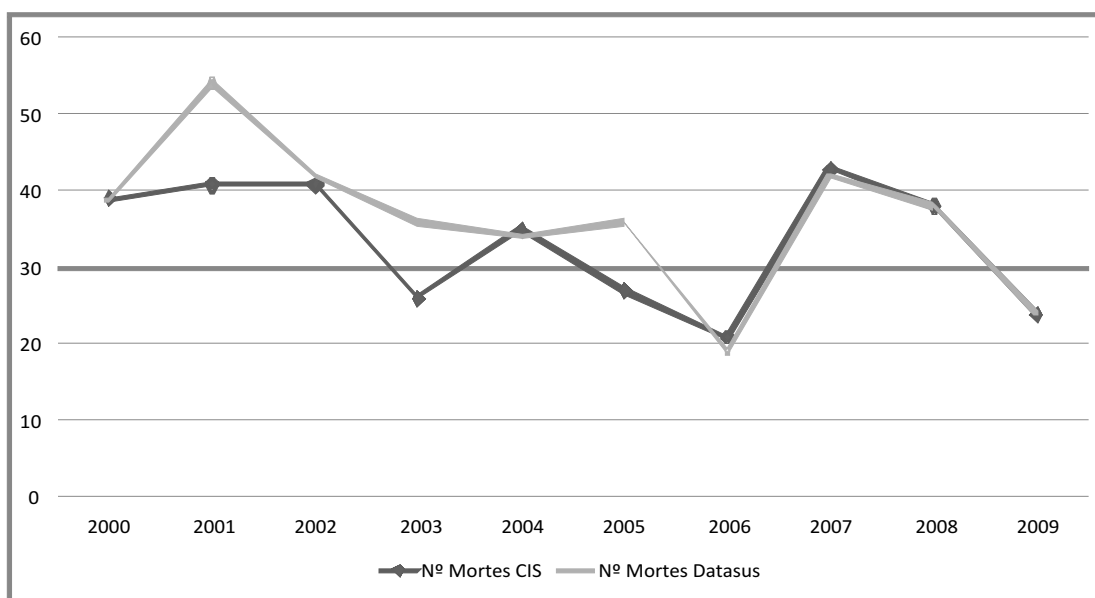


Figura 2. Dados comparativos do CIS e DATASUS acerca da mortalidade de jovens por causas externas de 2000-2010 em São Carlos-SP

CONCLUSÃO

Faz-se necessário o aprofundamento teórico sobre outros elementos, que possam vir a contribuir com os dados numéricos da mortalidade da população juvenil. Além do elevado número de mortes indeterminadas e da questão da interiorização da violência, a diminuição de mortes por homicídios no país nessa população pode perpassar, segundo alguns estudiosos, pela campanha do desarmamento, o estatuto do desarmamento, a atuação de organizações ilegais, como o Primeiro Comando da Capital, o incremento de políticas de encarceramento e a regressão de jovens na população. Trata-se de diferentes vertentes e leituras dos fenômenos contemporâneos que se fazem necessárias para abordagem, na compreensão da conjunção entre juventude, violência e mortalidade em nossa sociedade.

Assim, destacam-se temas advindos da presente pesquisa que requerem aprofundamentos específicos, tais como: a diminuição do número de homicídios no país e em cidades de médio porte, como São Carlos; o elevado percentual de mortes indeterminadas; a violência policial e as mortes por ela causadas; e também a atuação das organizações ilegais, como o narcotráfico. Tal compreensão contribuiria para um aprofundamento da discussão das questões relacionadas à violência local.

Cabe aqui ressaltar que se encontrou um grande número de falhas no preenchimento das declarações de óbito, gerando um grande número de “mortes indeterminadas”, o que prejudica análises dessa natureza. Para se ter um conhecimento preciso em relação à temática da violência, é essencial que os dados sejam confiáveis e estejam disponíveis, assim como é fundamental que as informações coletadas sejam aproveitadas para o planejamento e a avaliação¹⁰. Para isso, são indispensáveis informações consistentes sobre qual o tipo de violência, características sociodemográficas de vítimas e agressores, uso e tipos de armas, localidade, dia, horário e circunstâncias da ocorrência, motivação, intencionalidade, indicativo de consumo de álcool e/ou drogas, as quais possibilitam a análise e o planejamento de ações para controle e prevenção.¹⁰ Assim, assinala-se a relevância de tal fonte de dados e a necessidade do aprimoramento de seu registro.

Por fim, destaca-se a necessidade de compreensão da mortalidade juvenil, bem como de discussões acerca das políticas empregadas para intervenção com essa população, na direção de defesa do direito primordial a uma relevante parcela da população brasileira: o direito à vida.

REFERÊNCIAS

1. Vermelho LL, Mello Jorge MHP. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Rev. de Saúde Pública*. 1996;30(4): 319-31.
2. Waiselfisz JJ. Mapa da violência 2010: anatomia dos homicídios no Brasil. Brasília: Instituto Sangari; 2010.
3. Mesquita Filho M, Mello Jorge MHP. Características da morbidade por causas externas em serviço de urgência. *Rev. Bras. Epidemiol*. 2007;10(4):579-91.

4. Ministério da Saúde. Temático Prevenção de Violência e Cultura da Paz III. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2008.
5. Wailsselfisz JJ. Mapa da violência 2011: os jovens do Brasil. Brasília: Instituto Sangari; 2011.
6. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades: São Carlos. [acesso em 20 jul 2011]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.
7. Rivero PS. Distribuição desigual dos direitos humanos e da cidadania: áreas de concentração de vítimas de homicídio e ação policial no município do Rio de Janeiro. Brasília: IPEA, 2010. [acesso em 10 abr. 2011]. Disponível em www.ipea.gov.br/.
8. Feltran G. de S. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. Cad. CRH 2010. 23(58):59-73.
9. Martins R. Os números nunca mentem? Revista Carta Capital. São Paulo. 5 jul 2011. Política.
10. Peres MFT. Violência por armas de fogo no Brasil: relatório nacional. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo; 2004. [acesso em: 12 dez 2010] Disponível em: <http://www.nev.prp.usp.br>.

Recebido em: 14/02/2012
Aprovado em: 14/08/2012

Correspondência/Correspondence to:

Ana Paula Serrata Malfitano
Universidade Federal de São Carlos – Departamento de Terapia Ocupacional – Laboratório METUIA
Rodovia Washington Luís, km 235, SP-310, São Carlos, SP, Brasil
CEP: 13565-905
Tel.: 55 16 3306-6623
E-mail: anamalfitano@ufscar.br